

QUINTA-FEIRA
Lisboa--18 de Julho--1929



4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

500 TOES

165

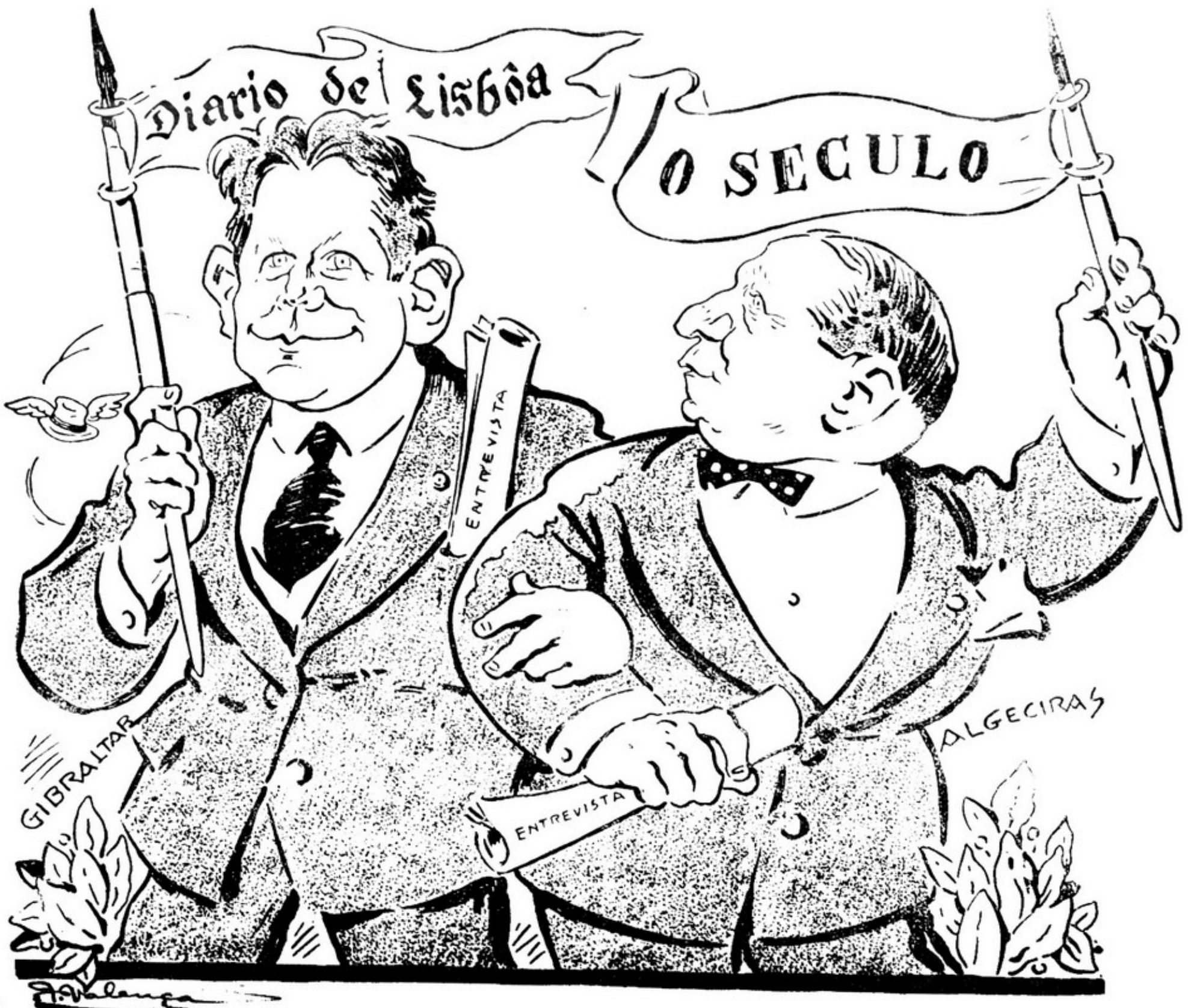
sempre **fixe** semanário humorístico

Impriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

DOIS JORNALISTAS!



SEMPRE FIXE celebra calorosamente o retumbante triunfo de Norberto de Araujo, o primeiro dos numerosissimos jornalistas de todo o mundo que entrevistou em Gibraltar os tripulantes do «Dornier 16». Com igual entusiasmo saudamos Cristovam Aires, que em Algeciras num banquete onde o nome de Portugal andava por baixo da mesa, o levantou — com discreção e brilho — a toda a sua gloriosa altura.



Os ditos da semana



Indumentaria masculina

O nosso camarada Rogerio Perez que, apesar de sua argucia, não foi quem descobriu a polvora nem o vigor do cabelo de Dr. Aver, tinha por força que descobrir alguma coisa já que, conforme confessa, não pode descobrir a cabeça e então descobriu as fotografias do modelo da indumentaria masculina que a Inglaterra se propôs implantar. Nem gravata, nem colarinho, nem mangas, nem calças, nem chapéu, — o ideal enfim para estes tempos de calor que vai fazendo.

E Rogerio Perez, no seu "Chá das cinco" parece aplaudir o modelo, como se Rogerio Perez não soubesse o grande mal que estava fazendo.

Não pôde ser. O *Sempre Fixe* protesta encarniçadamente contra semelhante intervenção estrangeira. Adotar tal sistema seria transformar Lisboa numa imensa Praça da Figueira. Sem gravata, e de mangas arregaçadas, já prontinho para a bazanada, ninguém aturaria o portuguezinho valente.

A nós o que ainda nos vale é o colarinho e a gravata — especie de coleira do dono que indica a origem do nossos semelhante. Em obediencia aqueles adornos, ha muíta gente que toma conta na lingua e mede comedidamente os seus gestos. Ao colarinho e a gravata se deve a paz publica.

Nodia em que todos viemos para a rua vestidos de regateira transformam-se o paiz inteiro na Praça da Figueira ou na Porta da Brasileira.

Os flamingos

Desapareceu o flamingo do Jardim Zoologico. Desapareceu como se tivesse feito um desfalque e nunca mais ninguem o viu, ou melhor, nunca mais ninguem soube o que via, porque os flamingos andam ai no meio da rua á vista de toda a gente, mas ninguem sabe distinguir, entre tantos flamingos, aquele que fugiu do Parque das Laranjeiras.

Branco por fóra, preto por dentro é muito cidadão pacato que nós topamos a cada esquina de «frack» e chapéu de côco, tão pernalta como o fugitivo das Laranjeiras e tão parado e tão sem fazer nada como ele. Por fóra todo ele é brancura imaculada — pomba branca sem fel — mas por dentro, lá nos recantinhos da alma onde se abriga a consciencia que não tem consciencia

nenhuma daquilo que é, uma negrura de fazer inveja a um corvo.

Vão lá descobrir entre tanto flamingo o flamingo que estava á guarda do sr. Emidio da Silva. E até, para a semelhança ser completa, os flamingos da rua do Ouro, como o do Jardim Zoologico, tambem não voam. E não vóam, uns e outros, pelamesma razão — porque lhes cortaram as azas.

E quando calha algum deles voar mais alto, como aconteceu com o Angola e Metropole nunca mais ninguem o vê.

Mandar

Em Portugal todos mandam. Mandam os governos, mandam os que não são governo, manda cada um em sua casa, mandamos nós nos nossos creados e mandam os nossos creados em nós.

O portuguezinho valente só tem uma preocupação — mandar.

Quem não pode ir ao poder vae para porteiro de teatro e manda:

- Tire o chapéu...
- Não pode fumar...
- Não pode estar ahí...
- Não pode entrar...
- Não pode sair...

Os que não puderam chegar a directores da Companhia foram para conductores dos electricos:

- Não pode levar o cesto...
- Não pode entrar por ahí...
- Não pode sair por ahí...

- Não pode escarrar...
- Não pode tocar duas...
- Mocinho falido da escola primaria foi para continuo:
- Não pode entrar...
- Não pode falar ao sr. Director...

— Não pode estar ahí... Mas quem realisa cabalmente a sua aspiração é o policia com o seu *casse-léte*:

- Pare ahí...
- Não siga por ahí...
- Faça alto...
- Atravesse agora...
- Agora já não atravesse...
- Ande lá para diante...
- Não ande tão depressa...
- Chegue-se mais para a direita...

— Chegue-se mais para a esquerda...

E nós a olharmos. Mandam todos e só nós não mandamos nada. Em casa faz a mulher o que quer e a sogra faz o que lhe dá na gana. Os pequenos fazem o que lhes apelece porque o pae está desautorizado. As criadas riem-se das nossas ordens.

— Oh! gloria de mandar, ó vã cubiça...

E para não flearmos de mal com a nossa consciencia e dar um bocado de manteiga ao nosso brio, tambem queremos mandar. Levantamos um dedo e mandamos parar um carro electrico:

— Caramba. Ao menos parou o conductor, parou o guarda freio e pararam os quarenta e oito passageiros que levava.

Afinal todos nós mandamos alguma coisa.

De bigode e pera

Com certo alvoroço, noticiaram os jornaes que, numa aldeia espanhola, nascera uma creança já de bigode.

Talvez o caso mereça registo especial em terras de Espanha que nós não conhecemos, mas, em Portugal, não ha ninguem que se assombrasse com semelhante nova, tão costumados andamos todos a vêr o mundo ás avessas.

Será porventura mais espantoso nascer uma creança de bigode do que vêr as senhoras com as coxas á vela? E' o espanto da novidade? Mas tambem, antigamente, as senhoras não mostravam sequer a pontinha dos pés.

Admirará por acaso mais um recém-nascido de bigodes á «kaiser», do que pão amassado com lixo? Mas tambem antigamente, o pão se fazia de farinha de trigo.

Pois não tinham as mulheres, noutro tempo os cabelos compridos e não andam agora sem eles? Para algures hão-de ir os cabelos das mulheres da moda, das senhoras «chics» que uzam não o que a natureza lhes dá, mas o que vem nos figurinos francezes.

Aquela creança espanhola é um protesto da natureza contra a onda do modernismo que lhe deu especialmente para derrubar os adornos capilares da mulher.

E' possivel que assim a moda mude de feição.

A mulher, escrava de tudo o que vem de França, tem de meditar dois minutos no acontecimento, e nada nos admirará que, daqui a pouco, a rua do Ouro apareça povoada de senhoras de bigode e pera.

Sim, porque elas bem sabem que os meninos que nascem veem de França que é quem dá a moda.

O calor

Uf! Dois de mil e cinquenta para Algés.

Uf! Abata se.

— O' rapaz, um capilé...

— Uf.

— O' sr. José mande cá um quilo de gelo do mais fresquinho.

— Uf! Uf! Uf!

— O' sr.^a Maria vá regar o mangerico.

— Uf! Não se pode!...

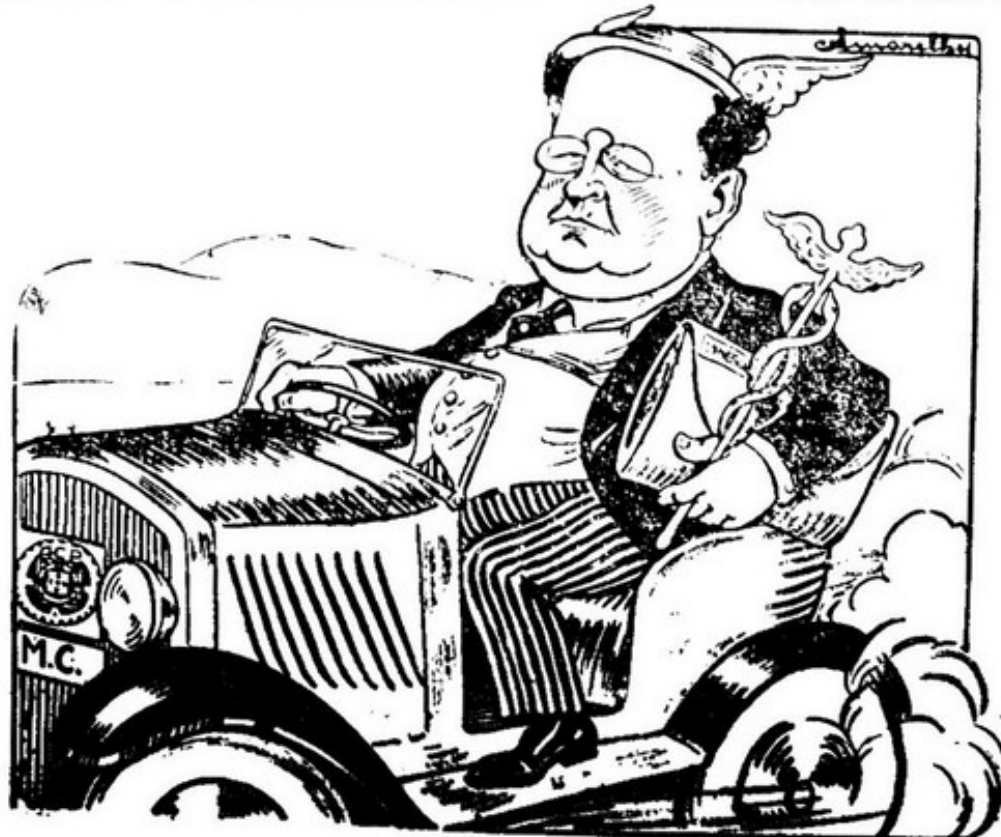
— O' coiso, chega-te para lá, que está muito calor.

— Uf. Uma cerveja.

— Falta de meios, sim, compreendo. E porque não arranja tu um emprego em Africa, agora que o futuro de Portugal está nas colonias?

— Credo, tenho medo ao calor.

DR. ANTUNES GUIMARAES



O novo ministro do Comércio e decano dos automobilistas da Invicta Cidade, a quem o «Sempre Fixe» presta homenagem, e faz votos para que não deixe parar a reparação das estradas

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

ROSITA DE ESPAÑA



O Teatro da Trindade, no fim de tanta «fiesta» oatita, exhibe agora uma Rosa sem espinhos e sem espinhas — uma autentica Rosa de Espanha

Mantem no *Fixe* uma seção teatral com os imprescindíveis comentários, feitos alias sem o mais leve intuito de magoar quem quer seja, não é tarefa facil porque certos, julgando-se em firme pedestal de gloria, apenas admitem lisonjas.

Se surge uma piada, zangam-se. Metem o dedo no nariz como os garotos e batem os pés. Protestam. Barafustam. Indignam-se.

Ora a verdade é que o *Sempre Fixe* é um garoto de quatro anos, Travesso, Rabino. Mas... mal nasceu, habituou-se a ser gentil. E a simples razão do raro lhe agradecerem as gentilezas — não o forçou ainda a deixar de as praticar...

Mas *ridendo castigat mores!* E seria o cumulo pretender que se tomassem a sério — coisas de que só apetece rir.

Para quê, barafustar, bater os pés, meter o dedo no nariz como os meninos mal educados?

E prossigamos como até aqui...

RESA assim, textualmente, uma tabela afixada, ha dias, num teatro e que mão amiga nos enviou:

«Recomendação do Director de Cena:

Para os senhores artistas que fazem os pottetas cantarem um

ponco mais alto porque não se houvem da plateia»

Voluntades não de concordar; isto é de honrar e chorar por mais...

UMA pergunta inocente e despida de graça:

No quadro da cesinha da revista *Chô de Parreira* também cairá a vaca do urdimento — cop a Rio de Janeiro?

A actriz, chorando: — Meu Deus! Meu Deus! Que sofrimento, estando inocente!

Outra actriz, também entre lagrimas: — Oh! Céos! Porque razão sofrer tanto?!

Um espectador, entre soluços: — E nós?... E nós? Virgem Santissima! Que mal fizemos nós?!

HA tempos, num banquete do *Mazim's*, entre o Porto e o *Cointreau*, prégo-se o nacionalismo do teatro. E o sr. dr. J. D., por quem, aliás, tenho o maior respeito, mas cuja ultima obra teatral é, que me pareça, o *Leque de Lady Margarida*, de Oscar Wilde — delectou a barcarola do nacionalismo com tal poder que fi-

cava convencidos que se passaria a fazer teatro entre nós...

Pois, como se não bastasse a serie de peças portuguesas já feitas em alemão, aparece agora um francês como autor de revistas portuguesas...

O nacionalismo! *Quelle blague!* E todavia, ha entre nós autores que, querendo, podem fazer peças. Tem qualidades em suficiencia.

... Isto é o que se chama — dirão certos — dar uma no cravo e outra na ferradura.

Uma ata-adinhão e depois... um elogio.

E' mesmo assim. Recordo-me até duma velha anedota:

Num tribunal do Norte degladiavam-se numa questão grave dois advogados distintos.

A certa altura, diz o da defeza para o da accusação:

— Ora! Ora! V. Ex.^a dá uma no cravo e outra na ferradura!...

Resposta pronta do outro:

— Puderá! Se V. Ex.^a não está com os pés quietos!...

NO Nacional ha uma actriz muito gentil e com qualidades, mas que possui uma voz muito fraquinha.

Disse-lhe noutro dia Mestre Antonio Pinheiro:

— Oh! minha senhora! Em vez de comer doces, coma bacalhau para engrossar a voz...

Si na es vero...

SIM, senhores! São apenas dez vozes os autores do *Charivari*, fora os da musica.

Tem por isso obrigação de ser muito bom. Muito bom. Optimo. Sem numeros estranhos.

A menos que... A menos que se continue, mais uma vez, que adianta gente junta não se salva...

HAVIA já muitos «maestros» entre nós. Agora ha mais um que é, sem duvida, um excelente pianista — o cubano Torralba.

Entre ele e Santos Duque existia, ao que se afirma, uma communhão de ideias musicas, naturalissima entre artistas.

Não será feio, pois, chamar-lhe o Duque de Torralba...

NUMA laceraca do *Parque Mayer*, anda vendendo camarão uma rapariguinha de rosto gentil.

Disse alguém:

— Oh! minha santa... camarão.

— Esta é que é a Santa... Camarão? — perguntou o do lado.

O Artur Emauz descobriu um processo de levar gente a *Expisção de Sevilla*.

Ora aqui esta uma coisa que os andaluzes não conseguiram... tanto como desejavam.

Até, por graça, dizia alguém:

— Por Sevilla não passa aquela gente que era mister passar. Em compensação, San Sebastian está cheia.

Vocês não concordam que seria opinio fixar residencia a Asturo em Sevilla?...

QUEIRA Deus que a revista tenha muito de chá e pouco de parreira...

Luiz Figueira.



— O empresario mandou-me encher de mósca... mas quem se encheu, afinal, foi a casa.

DUAS CONTAS...

Quando o Sr. Jacob apareceu com uma grande mala cheia de artigos de vestuário que vendia a prestações, o Salomão sentiu-se um pouco por baixo.

E o certo é que Jacob, porque era insinuante, amável, cortês e dava além disso varias vantagens, conquistou em pouco tempo a sua freguesia e a do Salomão.

Os dois fregueses, Salomão e o Salomão, tendo levado dias e noites a pensar na forma de readquirir a freguesia, resolveu fazer uma grande redução nos preços dos artigos, oferecendo além disso uma vantagem — não cobrava a ultima prestação.

E os fregueses voltaram em pouco tempo. Todavia um deles, o Jeronimo, era mais tentado. Nava-se bem com o Jacob comprava-lhe as coisas e não queria nada com o Salomão.

— Não quero nada — diz o Jeronimo — porque vou vender mais caro que o Jacob.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

— Mas isso não serve para nada — diz o Jacob — não pagam nada assim.

— Não se preocupe, sr. Jeronimo. Eu vou dar-lhe mais barato. Além disso, não se preocupe, não tem que pagar a primeira prestação.

UM GRANDE EXITO DE LIVRARIA



Rogério Perez, o autor da «Lisboa a Sevilha, pelos Pirineus», visto por Stuart de Carvalhais

VERSOS E CONTOS

O POETA DE PORTO DE MOZ

Em fins do século XVIII existiu um poeta repentista, cujo nome não me recorda agora, mas que era muito conhecido pelo «Homem do Bigode», em virtude de ter um bigode enorme, não obstante naquele tempo se usar como agora, a cara rapada.

Certo dia, uma titular, senhora muito inteligente e culta, combinara com uma sua intima amiga em arranjar um mote que fosse bastante difícil para o poeta em questão glosar, para assim lhe fazerem uma «pequena partidinha», pois que ele glosava todos os motés com extraordinária facilidade.

Depois de pensarem maduramente sobre o mote a escolher, ficou assente que seria este:

A mais formosa que Deus...
—Tenho um mote interessante para V. Ex.^a glosar — disse a senhora titular com um sorriso ironico.

—Sim?... Qual é? — perguntou o poeta.

—E' este: «A mais formosa que Deus»...

Imediatamente o Homem do bigode, repetindo o mote ao mesmo tempo que passava com a mão pelo bigode, como era seu costume, disse:

*Com duas donzelas vim
ontem duma romaria.
Uma feia parecia...
era a outra um serafim!
Como eu as visse assim...
sem os amantes seus,
perguntei-lhes: «Anjos meus,
quem vos pôs em tal estado?»
Disse a feia que o pecado,
a mais formosa que Deus...*

Ha muitos anos tambem, em Porto de Moz, houve um camponio que tinha a mania de fazer versos, tendo-se popularizado tanto ou mais como o nosso Rei da Madureza, pois que, a pretexto de qualquer coisa, impingia a sua quadrasinha.

Uma vez, o saloio teve de ir ao tribunal de Porto de Moz responder por qualquer irregularidade que praticara e, quando o juiz o interrogava, ele respondia em verso, mas tratando por tu o juiz. Este, que não gostou da familiaridade, chamou o saloio á ordem, o qual imediatamente respondeu:

*Se a Deus o tratam por tu,
e ao Rei da terra por vós,
como te hei de tratar,
juiz de Porto de Moz!...*

BOM HUMOR

Na redacção dum jornal de provincia:

Reporter: — Trago aqui a noticia dum official da marinha mercante que se feriu gravemente na mão quando abria uma garrafa de Porto. Que titulo ponho á noticia?

O chefe: — Não ha nada mais facil. Ponha assim: «Grave acidente succedido a um official de marinha quando ia a entrar no porto.»

— Ouve lá, Domingos. Se alguém tem o direito de não fazer nada — esse és tu...

— Como assim?!
— Porque Deus fez os Domingos para descançar.

— Diz-me, querido, o que queres dizer «porquão»?

— Porquê...
— Porque quero sabê-lo.

— Homem! Estranho-te. Porque andas assim com uns ares tão tristes...

— E' que o medico me aconselhou a que mudasse de ares!

Um sujeito anda preocupadissimo de um lado para o outro, dentro dos Grandes Armazens. Um empregado aproxima-se e pergunta-lhe o que tem.

— E' que perdi minha mulher...

— Bem! Então... faz favor de subir ao terceiro andar, á direita... ao fundo da galeria... Artigos para luto...

Na escola:
O professor: — O' sr. Albano! Olhe que o seu exercicio ácerca do cão é perfectamente igual ao do seu colega Martins.

— E' que nos referimos ao mesmo cão...

Num «restaurant» servem a um freguês um bife cheio de cabelos.

O freguês não se indigna. Antes, com a maior serenidade, chama o criado, e diz:

— Agora faça favor de me trazer um bife careca...



— Mas tem experiencia de automoveis?

— Sim... Não sei guiar mas sou peão...



Num concurso de beleza, elas olhando-se: — Mas que illusões terá esta desgraçada?!



— Uma esmolzinha, para o meu pai, que é cego...

— Onde está ele?

— All á esquina, a vêr quem passa.



Ela. — Oh! Artur! Por amor de Deus! Peço-te que não fales quando eu te interrompo...

Uma resposta feliz

Em certo organismo dependente duma Camara Municipal, um funcionario de categoria inferior, desempenhava por bondade e excesso de zelo, o trabalho que devia competir a um empregado de secretaria, que o citado organismo não possuia ha muito tempo.

Ora o chefe dos respectivos serviços, se devia premiar o zelo do benemerito funcionario e mostrar-lhe mesmo a sua gratidão, entendeu pelo contrario, que o serviço apesar de feito corretamente só deveria ser desempenhado por um funcionario da respectiva categoria e não inferior.

E nessa ordem de ideias se dirigiu magestosamente até á Camara, a pedir a quem de direito se dignasse oferecer-lhe um funcionario com a devida categoria para se desempenhar dessas funções.

E alegou que não estava certo que o tal funcionario de categoria inferior, desempenhasse certos serviços de importancia, como por exemplo, o de inutilizar os selos dos vários documentos apresentados pelos interessados.

Porém a pessoa a quem se dirigiu fez-lhe ver que não era pratica a solução; que o tal funcionario tinha dado sempre conta do recado e que de resto não tinha na Camara — e disponíveis — funcionarios que apesar de elevada categoria podessem desempenhar melhor aquelas funções. Pelo contrario, tudo o que lá tinha, era para assim dizer sucata, que tornaria peor a emenda que o soneto. Mas o outro insistia, voltando ao mesmo argumento fac-simile, da inutilização dos selos.

Então a pessoa a quem pedia a substituição do pessoal, teve uma destas respostas que marcam, destas respostas que nem todos sabem ou podem ter resposta justa, feliz, que desconcerta e que desarma:

— «Mas creia que o pessoal que tenho é peor ainda; não lhe servia. E olhe se esse não tem categoria para inutilizar os selos, estes iam com certeza inutilizar-lhe os selos por completo...



— Hoje, a sua sogra melhorou. Já tem a lingua mais limpa.
— E' a primeira vez na vida que o ouço dizer...



O talisman da felicidade:
Ontem — Hoje.
(Do Sudney Bulletin).

UM GRANDE DESGOSTO DE CAO



— Era bom, era, ouvir «la voix de son maltre», mas isto de telefones ainda não é para focinho de cão.

TAC-TAC-TAC

A ORIGEM DA SAIA CURTA

Discutia-se ha alguns dias, entre amigos, qual teria sido a origem das saias curtas, ou, para melhor dizer, das saias curtissimas.

Havia quem aventusse que a sua origem fóra, como á primeira vista parece ter sido, a folha de parra que Eva lançou sobre si no dia em que a voz do Anjo expulsador a avisou de que o sr. Ferreira do Amaral do Céu tinha proibido que se andasse nu.

Mas, com bastas razões, outrem negava fundamento a esta opinião; porquanto, dizia esse outrem, toda a tendencia da parra é, ao contrario da saia, para crescer e, se fóra a folha do sarmento a origem deste escandalo, o que é que não diria o sr. José Sarmento ao sr. Castelo Branco, branco de susto e absolutamente em branco no tocante á origem dos trajos.

Ora, se a parra cresce, a saia encolhe, que até parece aquelas luvas brancas dos prestigidiadores que começam do tamanho duma mão e acabam, tanto elles as esfregam, por ficar do tamanho dum dedo pequenino.

A origem da saia curta, assegura um dos amigos, fóra propriamente o traje das Walkirias que assim

a usavam para mais á vontade andar a cavallo e mais facilmente dar chulipas no calçado posterior dos maridos, quando estes ficavam fóra de casa.

Ele, realmente, parecia atilada esta explicação; mas logo outro lembrou que não podia ser porque está provado que nesse tempo todas as mulheres Walkirias ou não Walkirias, andavam todas cobertas de pele de cabra. Foi então que o nosso bom amigo Leopoldo Frete contou a verdadeira historia da origem da saia curta.

Havia em Salonica um alfaiate de senhoras muito em voga, pouco antes da guerra, que se chamava Jesus da Israel. A mulher era lindissima e, como muito bem se compreende, andava sempre muito bem vestida. Mas saia cara como fogo.

Andava o marido sempre a barafustar com as grandes despesas da toilette da mulher e a aparafuzar na ideia salvadora a empregar para reduzir esse gasto, quando um dia disse:

— Eureka!
E inventou a saia curta, o judeu!

Cirano de Velhofrac.

Elevador da Gloria

O Almeida adoeceu gravemente com uma pneumonia dupla. Recobrou-se, por isso, ao hospital e por lá se conservou durante dois meses.

Um amigo que soubera da sua doença mas se não resolvera a ir visitá-lo, porque... julgava que ele morria, encontrou quasi á saída do hospital.

— Oh! Mas eu estou na frente dum fantasma... Mas és tu, Almeida?!

— Pois claro que sou... Todo inteiroinho... de carne e osso...

— Mas então... tu não morreste?

— Oh! homem! Se eu tivesse morrido, que necessidade tinha de negar-lo?!

Uma vez, Ramalho Origião desceu tranquilamente a rua Garratt. Próximo da «Bertranda», aproximou-se de Ramalho um rapazote que, estendendo-lhe a mão e tirando o chapéu debedicamente, inquiriu:

— Como vai V. Ex.ª, sr. Ramalho...

— Perdão... A sua cara não me é estranha... Mas... não me lembro de onde o conheço...

— Sou o caixeiro da alfavancão...

— Ah! Desculpe... E' que não o tinha visto ainda de corpo inteiro. Só o conhecia de busto...

Num dos pitores pontos de S. Francisco da California, um jornalista interroga um velho aventureiro que dizem ter passado ja dos cem anos.

— E' a que attribue você a sua longa vida?

O velho estocha um sorriso e responde:

— Eu lhe digo... Eu lhe digo... Em primeiro lugar, ao facto de no anno de 1859 o asheriff não ter conseguido encontrar em parte alguma o assassino do banqueiro Glover...

Entre genro e sogro:
O genro: — O que lhe digo é que a sua filha é tomosa que nem um juumento, vingativa como um gato e porca como nem um macaco. Asseguro-lhe que não posso fazer nada dela!
O sogro: — Mas ouve lá, homem. Quando te casaste, deite todo um museu zoológico e ainda te quixas?!



— Oíça, sr. qual é o maior animal?
— O hipopotamo...
— Pois sr. hipopotamo, deixe-nos tranquilas...



Ela: — Se me mandasses 15 dias para a praia, estaria sempre pensando em ti.

AS GRANDES REPORTAGENS

Martins em Madrid

(Exclusivo para o "Sempre Fixe")

Martins — que se despedira de nós com um *saleroso* — hasta la victoria — passou a fronteira sem se sentir.

Esperava Martins sentir na atmosfera, na própria cor da terra, a passagem da fronteira, essa fronteira inelutável para ele, que nunca saíra do Bairro Alto. Afinal tudo era semelhante — apenas os *carabineiros* e *guardias civís* substituíam os nossos grandes fiscais e a polícia.

E Martins, rediante, familiarizou-se com o novo ambiente, falando o castelhano como bom português.

E, como bom português, desceu na primeira estação para comprar *tharubos* e uma caixa de *sarilhos*, o que deu lugar a não pequeno sarilho.

Martins, que, como se fora para o Senhor da Serra, de Lisboa levava farnel e no comboio se pôs em manguihas de camisola e se descalçou, chegou a Madrid pedindo desculpa a todos por ir ainda em *camisuela* e disse que ia calçar as *bucetas*.

A chegada à estação de *Delicias* foi uma delícia, e, pouco depois, já Martins se deliciava no *Prado*, indo pastar, isto é, indo comer a uma casa de pasto vizinha.

Desinteressando-se do famoso Museu, porque Martins prefere a pintura ao ar livre, seguiu o nosso turista pela Calle de Alcalá, que reconheceu de alto lá com a calle, *Callou* então chegar à *Puerta del Sol* e aqui tomou o primeiro brado patriótico de Martins, escrevendo para Lisboa um postal da praça madriena com esta legenda luzar:

«Viva o Bode!»

Madrid passou pela vista de Martins como manteiga por foinho de cão.

Martins, por louváveis propositos economicos, apenas esteve um dia em Madrid.

Andou toda a manhã entontecido e adormecido da viagem e porque Martins é naturalmente adormecido, e durante a tarde dormiu numa sesta chovida no cubo.

Pela noite, pois só a noite acordou, foi a uma *tertulia*, espetáculo público onde Martins entrou com bilhete de cão, isto é, aproveitando estar a porta aberta para todos.

Bailou Martins um *chotis* traduzido para *Baile do Quentalinho*, e agradou tanto que foi exaltado e houve quem pedisse *bis* para goádo da fígadeira. Os homens rebelavam-se e as mulheres sacrificavam-se as anexas de Terpsicore Martins com o bom propósito de regalar a assistência.

Martins exultou, não percebeu a discreta intenção dos energúmenos e escreveu para Lisboa:

«Em Madrid só ha verbenas e mulheres!»

Até á data não ha mais noticias de Martins, chegando-se mesmo a re-crear que ele *anda á deriva* por essa Europa. — (Especialíssimo).

MANOBRAS NAVAIS



O Sucateiro — Estão aqui estão no papo...

NA COSTA DO SOL

À margem do almoço oferecido aos vários gazeteiros de Lisboa

Os gazeteiros tiveram o seu dia no preferido domingo. Comeram a barba longa, como qualquer Benedito, e forjaram anedotas *sigue* Belo Redondo. Enfim: uma grande paródia passada na nova sala-restaurant do Casino Internacional de Mont'Estoril, por iniciativa da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol. O mais gosado, porém, de todos os jornalistas foi o Matos Sequeira, que para manipular camarões *arquitectónicos* diz que está por ali... Também não lhe ficou atrás a mordiscar as belas azuleiras de Elvas o Cristovão Aires, isto enquanto o pão duro não chegou. O Benedito, esse, como de costume, *ndo comen nada*; mas levou *entulho* para casa. Ou de não fizesse uma *judiaria*!

Ainda assim, o gazeteiro mais moderado foi o Felix Correia, que, durante o repasto, dissertou sobre a maneira de transformar os *homens em passatós, a imment*... O Fausto Vilar entristeceu ao verificar que, no Casino, não havia qualquer *Margarina* para o servir. No entanto, *deitou dados á ventura*, mas a sorte foi-lhe adversa... *Borboletas*, nem uma!

O Galvão, se não foi bom *gourmet*, comen, pelo menos, muitas palavras, bem como o Eduardo Frias.

O Julio de Almeida, *não* papá, graças a Caixa de Providencia, souberam cumprir o seu dever, matando a *maltrada*, que a vida é curta...

A respeito de bebidas não se fala. Os mais *bacchantes* foram o Ornelas, ferroviário, o Felix, aviador, o Redondo, romancista, o Leão, desenhador e mais coisas em vista, o Miralha, prestigiador, o Costa Junior, sacerdote, e quem esta linha escreve, natural de *Montfort*.

Agora, a sério: o almoço decorreu no meio da mais franca alegria e cordialidade, tendo os brindes sido entusiasticos pelas prosperidades da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol.

O *Fris* também foi convidado. Mas, como o seu director teve que ir *papar*, ou *bolalar*, como quizerem, a outro lado, limitou-se a enviar um cartão de desculpas ao sr. dr. Elmano da Cunha e Costa, que tem feito do Estoril uma grande obra, colocando Portugal no nivel das demais nações civilizadas.

Sempre por bom caminho e sigam... que os desfalecimentos são próprios dos fracos de espirito!

Um conviva.

DRS. CARMO DOS SANTOS E ELIAS COSTA



Dois médicos distintos que, pelos processos Asuero e Olazabal têm feito curas verdadeiramente milagrosas...

Prosa de Cha-Velho

Anda por Espanha um grupo de forçados portugueses, ou lá o que é. Sem fazer comentários, limitamo-nos a transcrição do que acerca da sua apresentação na Praça de Madrid diz o A. B. C. daquela cidade:

«Um novilho embolado serviu para que a quadilha portuguesa de moços de forçado mostrasse a sua habilidade para sujeitar a rez pelas hastes e deixá-la inovel. Primeiramente, os lusitanos empoleiraram-se sobre uma especie de templo, mescla de sofá futurista e cama turca, com animo, sem duvida, de executar a sua bem provada dextreza na'gum novo lance; mas como o novilho desdenhou acercar-se ao sobredito templo, descedo do mesmo os moços de Forca, e a outra coisa...

O apontado não foi obice para que, cortés, como sempre, o publico ovacionasse os artistas estrangeiros, que também tiveram de dar a volta á praça.

Os senhores compreendem a intenção do que o A. B. C. diz e do que não diz mas nas entrelinhas se lê?

Compreendem, seguramente, e seguramente rejubilam com o *seguro* do prestigio que a tauramaquia portuguesa está conquistando em terras estrangeiras...

DUAS ANECDOTAS

A primeira destas duas anedotas, que hoje substituem a *crónica* dos Tribunais, é de judeus, uma *judaria*.

Tribunais, e de judeus — uma *judaria* de mar.

Um deles disse ao outro: «Apostados com escudos para aquele de nos que estiver mais tempo debaixo da água?» O outro respondeu: «Apostados».

Submergiram-se e, passados dois meses, encontraram os seus cadáveres.

* * *

Agora outra: Ela era bastante curta de vista e mal podia distinguir qualquer coisa a um metro de distancia. O seu noivo não sabia e ela não queria que ele soubesse.

Antes que ele a fôsse vêr nessa tarde, espôto da um alfinete numa arvore que havia á distancia de vinte metros do banco em que se sentavam todos os dias.

Passaram pelo jardim aproximadamente meia hora e, por fim, ela vidou a sentarse.

— Olha — exclamou ela como quem não quere a coisa — naquela arvore esta um alfinete espetado.

— Pô-lo lá ser! Como é que tu consegues vêr um alfinete á esta distancia? — arvore esta a mais de vinte metros.

— Pois *veja* o alfinete perfeitamente. E, se duvidas, vem comigo e eu te mostrarei.

E, agarrando-o pela mão, levou-o até á arvore.

Mas não chegaram até lá porque no caminho chocou ela com uma vara, que a colheu de tal forma que a teve dois meses na cama.

Ela, ao ir pelo alfinete, não tinha visto o animal.

N. N.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77



O que se diz e o que se não deve dizer

Os travões maravilhosos

Um amador do desporto automobilista instalou no seu carro um novo tipo de carburador, cujo fabricante garantia 20 por cento de economia no gasto de gasolina.

Colocou depois uma nova culatra especial que assegurava também 20 por cento de economia do precioso líquido.

Também montou um dispositivo especial no tubo de admissão, com uma economia garantida de 20 por cento.

Substituiu o eixo posterior por outro com rolamentos cônicos especiais e que, segundo assegurava o fabricante, tinha que produzir-lhe uma economia de 15 por cento em combustível. Mudou as jantes e os pneus por outros de diferente medida, para forrar ainda mais 20 por cento na gasolina.

Finalmente, utilizou um novo óleo lubrificante com uma garantia de economia de 25 por cento.

Com estas economias, que totalizam 120 por cento, apresentou-se-lhe porém uma dificuldade inesperada. Após cada 100 quilómetros, tinha que parar para deitar fóra a gasolina que crescia no depósito!

E a propósito de desporto automobilista, deve registrar-se aqui a prova realizada pela equipe Bernardo Gouveia-Anselmo Braamcamp, efectuando num seis cilindros Citroën a Volta de Portugal num tempo-récord. Os jornais de desporto guardaram sobre o assunto o prudente silêncio de Conrado.

Um match de bola no cesto é evidentemente uma mais notável performance do que 77 horas seguidas ao volante, dia e noite, sem descanso algum, por estradas boas, transitáveis ou péssimas.

Dialogo entre dois managers de bar:

Primeiro manager: — Então, no fim do 2.º round, o teu homem toca o teu no queixo e o meu pupilo cai

durante os dez segundos necessários.

Segundo manager: — Não! No 2.º round não!... Tem que ser no 8.º ou no 9.º... Nós não podemos roubar o publico!



— Oh 37 que coisa tão gira.
— Pois tu não vês que é o auto-giro!

"A Peninha" "Restaurant"

O seu proprietário previne os seus Ex. mos amigos e clientes que reabriu este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do prédio onde se encontrava instalado ameaçar ruína. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietário, que espera e agradece uma visita á nova

"PENINHA"

9, Rua Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)
(junto á fabrica de cerveja Portuqalla)

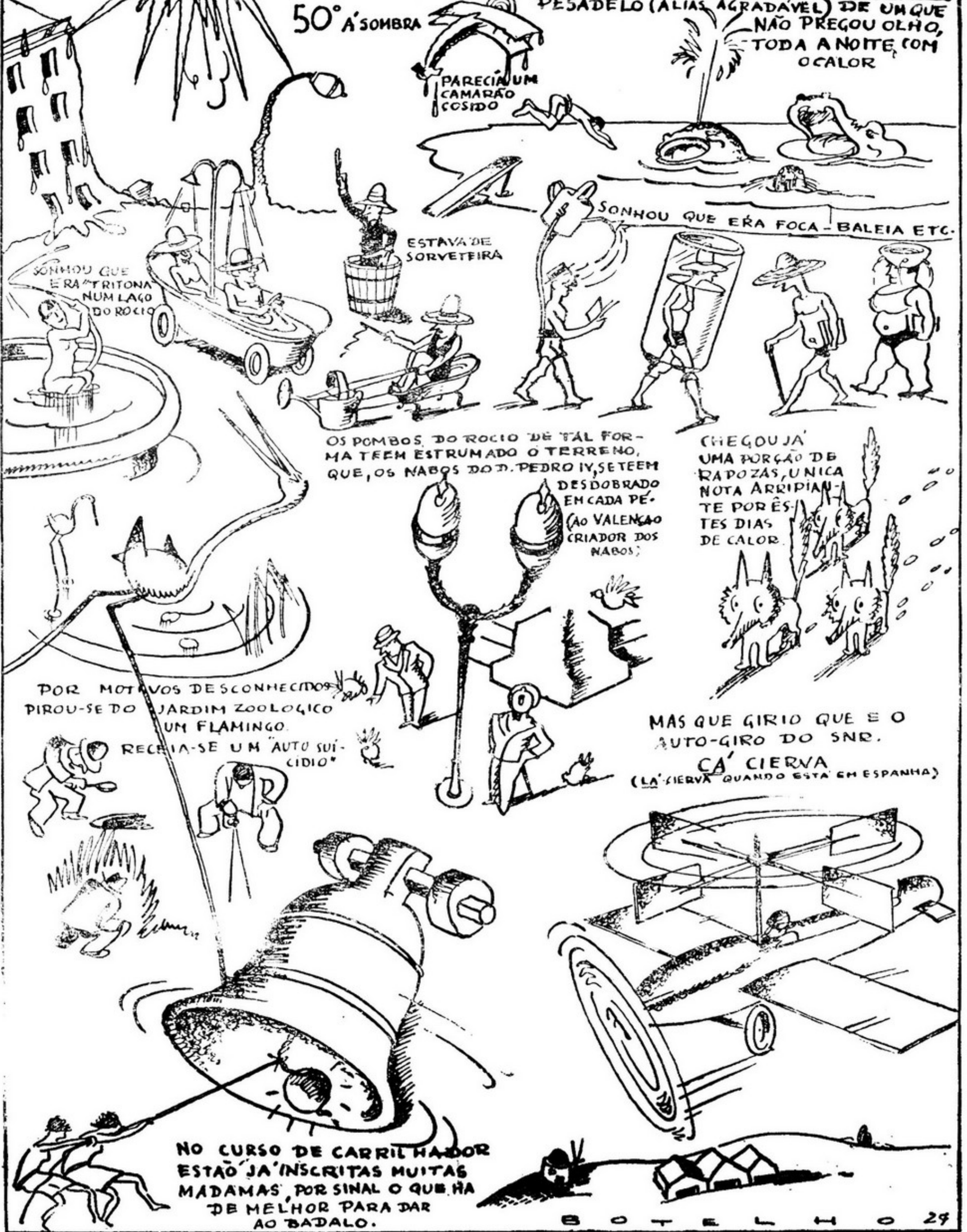


— Desde que me casei só vejo meu marido uma hora por dia.
— Pois eu sou mais feliz do que tu, nunca o vejo, não sou casada...



— Faz favor de me dizer onde posso encontrar uma casa que venda gasolina?
— Olhe, minha senhora, ali na taberna do Recoveiro ha uma pinga de estaio.

EM SEMANA



50° A SOMBRA

PESADELO (ALIAS AGRADAVEL) DE UM QUE NÃO PREGOU OLHO, TODA A NOITE, COM O CALOR

PARECIA UM CAMARÃO COSIDO

SONHOU QUE ERA TRITONA NUM LAGO DO ROCIO

ESTAVA DE SORVETEIRA

SONHOU QUE ERA FOCA - BALEIA ETC.

OS POMBOS DO ROCIO DE TAL FORMA TEM ESTRUMADO O TERRENO, QUE OS NABOS DO D. PEDRO IV, SETEM DESDOBRADO EM CADA PE. (AO VALENÇAO CRIADOR DOS NABOS)

CHEGOU JA UMA PORÇAO DE RABOZAS, UNICA NOTA ARRIPIANTE POR ESTES DIAS DE CALOR.

POR MOTIVOS DESCONHECIDOS PIROU-SE DO JARDIM ZOOLOGICO UM FLAMINGO.

RECEIA-SE UM "AUTO SUICIDIO"

MAS QUE GIRIO QUE E O AUTO-GIRO DO SNR.

CA' CIERVA (LA' CIERVA QUANDO ESTA EM ESPANHA)

NO CURSO DE CARRILHADOR ESTAO JA INSCRITAS MUITAS MADAMAS, POR SINAL O QUE HA DE MELHOR PARA DAR AO BADALO.